

Hertha Gruber embarca para o Brasil em 8 de outubro de 1946, um ano e meio depois de ser libertada pelos ingleses do campo de concentração de Bergen-Belsen, Alemanha. O navio cargueiro que a conduzirá ao Rio de Janeiro zarpa do porto de Göttemburg, Suécia, logo nas primeiras horas de uma manhã sombria e ventosa, sem multidões e os costumeiros lenços e acenos de quem diz adeus a um parente ou a um amigo que parte para terras distantes.

É outono, e o vento sopra com força, incessante, como a atingir, ao mesmo tempo, todos os flancos do navio. No cais, entre os poucos trabalhadores que por ali circulam naquele momento, apenas uma pessoa agita os braços em sinal de adeus. Lola Amsterdam, uma amiga e companheira de infortúnio desde os campos de concentração, não tira os olhos do navio que se afasta, lento e pesado, e a separa de Hertha talvez para sempre. À medida que a embarcação avança, Lola vai diminuindo o movimento dos braços, até ficar apenas com uma mão erguida, espalmada, estática, na esperança de que, apesar da distância, a amiga ainda possa vê-la por um último instante.

O porto fica para trás com extremo vagar, e Hertha, curiosa, enquanto acena para Lola, pergunta ao capitão por que o Christover está andando de forma tão lenta. Ele a chama para um lado da cabine de comando e diz que lhe vai mostrar algo. Os olhos fixos em direção ao cais, Hertha reluta em se afastar de onde está. Pretende ficar ali o tempo que for necessário para se despedir da amiga, até que sua vista não a alcance mais. Parada entre guindastes e armazéns, a outra mantém a mão erguida sobre a cabeça. Hertha pede ao capitão que a espere, acena para Lola, que volta a agitar os braços. Tempo e navio avançam, e a amiga, aos poucos, começa a desaparecer, até se tornar um pequeno e indefinido ponto sendo engolido pela distância, sobre a linha escura do mar. Só então, quando perde Lola de vista, é que Hertha vai até onde o comandante está.

Ele estende um imenso mapa sobre a mesa de trabalho:

– Você está vendo esta parte cercada em vermelho? – pergunta ele, indicando um trecho do mapa.

– Sim – responde Hertha, atenta a todos os movimentos do capitão.

– Neste momento estamos exatamente aqui afirma ele, apontando a janela, onde é possível ver, a distância, a parte superior do porto, a fachada de seus armazéns e o perfil de imensos guindastes plantados no cais, tudo ainda um tanto próximo em comparação ao tempo de navegação transcorrido até então.

– Este trecho está infestado de minas. Todo cuidado é pouco! Por muito tempo ainda teremos que conviver com esse drama. Há minas em praticamente todos os portos da Europa. Muitas já foram desativadas, mas nunca se sabe se não ficou uma perdida no meio do mar...

– Deus! – exclama Hertha, atônita. – Sobrevivi a cinco anos de terror em um gueto e em três campos de concentração para acabar explodindo no mar!?

O comandante ri, bonachão, esboçando no rosto um ar de exagerada tranquilidade frente à tensão do momento. Depois acrescenta, colocando a mão sobre o ombro de Hertha:

– E tem mais: o Christover também está lento assim por causa de seu peso. Estamos em cima de um carregamento de armas e munições com destino à Argentina...

Hertha coloca as mãos na cabeça e silencia. O comandante, porém, não altera o bom humor.

– Mas não se preocupe. Já fiz este trajeto algumas vezes. O segredo é andar devagar para não sair da rota. Só assim, nos desviando desta rota, é que poderemos encontrar uma mina pela frente.

– Deus me livre! – observa Hertha, enquanto esfrega as mãos e baixa os olhos para a plenitude das águas, como a procurar algo perdido entre as ondas que açoitam, vigorosas, o casco escuro do lento e pesado Christover.

Daquela distância, agora, é possível ver apenas uma parte do porto, a cobertura dos armazéns e a ponta dos guindastes de ferro, como se submergissem aos poucos na superfície do mar. Hertha pensa em Lola, sabe que ela ainda está lá, no mesmo lugar, talvez a mão ainda erguida em sinal de adeus, pois prometeu não se afastar do cais até que a última parte do navio, sobre a linha do horizonte, fosse finalmente tragada pelas águas. Respira fundo e faz o mesmo. Fica ali, o olhar fixo em direção ao porto, até que as pontas mais altas dos guindastes desapareçam para sempre diante dos seus olhos, e a viagem realmente tenha início.

A travessia até o Rio de Janeiro dura 30 dias, sem grandes transtornos, além dos enjoos naturais de quem não está acostumado ao cotidiano do mar. Fora a expectativa e a tensão diante do desconhecido e em relação à nova pátria que a espera no outro lado do Atlântico, os dias são de tranquilidade, pois representam para a jovem Hertha a chance de que precisa para recomeçar a vida, aos 28

anos, e encontrar um sentido para os anos que ainda estão por vir. O passado, para ela, mais do que não ter volta, está inexoravelmente perdido. E, apesar dessa sensação de abismo em relação aos anos deixados para trás, ela carrega consigo, tatuada muito além da epiderme, não apenas as lembranças tristes da Guerra. Traz também na memória, tão firme quanto a tatuagem número A21646 encravada no braço, a recordação de dias alegres passados ao lado dos pais e dos irmãos, em sua distante Bielitz, na fronteira da Polônia com a Alemanha, quando, durante dias e noites, a cabeça pousada no travesseiro alimentava o sonho de dançar sobre o tablado dos teatros de Viena.

Filha mais nova do comerciante Moritz Gruber e da dona de casa Amalie Gruber,¹ Hertha nasceu em 15 de julho de 1918, o ano em que terminou a Primeira Guerra Mundial. Moritz tinha um pequeno negócio em sua própria casa, na rua Six Strasse7, através do qual importava artigos de cozinha da Tchecoslováquia e os vendia na região. No final da guerra chegou a servir no exército, enquanto Amalie permaneceu em casa, cuidando dos negócios e dos quatro filhos do casal. Eram ambos naturais de Wadovitz, mas viviam em Bielitz (Bielsko-Biala), que pertencera ao antigo império Austro-Húngaro, atualmente território da Polônia. O idioma alemão foi mantido entre eles, e os filhos só viriam a aprender a língua oficial, o polonês, mais tarde, quando passaram a frequentar a escola. De tradição e cultura judaico-austríaca, os Gruber eram uma família de poucas posses, mas unida e dedicada ao bem-estar e instrução dos filhos. Gostavam de teatro e, nos fins de semana, seu programa preferido era passear juntos, pais e filhos, pelos campos e bosques que rodeavam a cidade. Embora sem maiores recursos, Moritz e Amalie não deixavam faltar em casa o essencial, principalmente educação para os filhos.

1 Seu nome de solteira era Lieberman.

Eugenie, a irmã mais velha de Hertha, nascida em 1905, trabalhava como bibliotecária na Biblioteca Pública da cidade, emprego que conquistou graças à sua determinação de se tomar uma mulher independente, fato incomum para os padrões da época. Gostava de viajar e teve um grande amor, Fritz Tuscovitz, a quem jamais esqueceu ao longo da vida. O único homem entre os irmãos, Max, nascido em 1907, era considerado o príncipe da casa e trabalhava com vendas, a exemplo do pai. Henriette, nascida em 1909, recebeu titulação em Praga como professora de inglês e, depois de formada, passou a dar aulas particulares em Bielitz, inclusive para membros de tradicionais famílias da antiga nobreza polonesa. E Gisella, a irmã mais nova de Hertha, nascida em 1911, era uma estilista de chapéus femininos e tinha um *atelier* especializado na cidade. Henriette e Gisella, pela proximidade de idade, eram muito ligadas. Desde pequenas frequentaram aulas de inglês e de pintura.

Hertha nasceria quando os filhos não mais eram esperados, havendo com isso uma grande diferença de idade entre ela e os irmãos. Por ser a caçula da casa, não lhe faltavam mimos o tempo todo, e seu lugar preferido quando criança era o colo do pai, de quem gostava de contar, em voz alta, os fios de cabelo que lhe restavam na cabeça.

Os quatro irmãos de Hertha já eram crescidos quando ela nasceu, e isso fez com que tanto eles quanto os pais a tratassem como uma espécie de mascote da família, que chegava a casa para alegrá-los depois do período de grande tensão e medo provocado pela Primeira Guerra. Esse fato, aliado a outras circunstâncias, como a gripe espanhola que, à época, dizimou milhares de pessoas em toda a Europa, fomentou entre eles a necessidade não apenas de mimá-la, sendo ela a caçula da família, mas também de cercá-la de toda a espécie de cuidado e proteção contra fatores externos que viessem a atormentá-la naquele período de recomeço e de novas expectativas de vida.

Hertha transformou-se, então, na bonequinha dos irmãos. No auge da admiração que sentiam por ela, vesti-la como Shirley Temple, considerada a menina-prodígio de Hollywood, ajudava-os a transpor um tempo em que os resquícios de terror ainda reinavam no mundo inteiro, principalmente entre eles, que viveram praticamente dentro do palco da guerra. Não raras vezes, Eugenie, sua irmã mais velha, a vestia como boneca e ficava ao lado dela, junto à janela. Queria chamar a atenção dos rapazes que passavam na rua, em direção a um estabelecimento de ensino superior situado nas proximidades da casa onde moravam.

Foi na infância também que Hertha, além da dança, desenvolveu as habilidades para trabalhos manuais. Aprendeu a lidar com corte, costura e estamparia, capacitação que haveria de lhe ser útil mais adiante, quando sua vida estaria constantemente em risco, nos campos de concentração por onde teria que passar.

Devido à natureza de seu carregamento e ao seu destino, a Argentina, o Christover está impedido de atracar no porto do Rio. Faz calor, os raios fortes do sol ardem na pele e a transparência da atmosfera revela uma luminosidade que, apesar de impedir a total abertura das pálpebras, deixa antever uma sensação desconhecida, de que ao horizonte foi dada a prerrogativa de se tornar maior do que realmente é. Hertha vê a Ilha do Governador, o Corcovado, o Pão de Açúcar, e respira fundo o ar tépido que circunda as praias da Baía da Guanabara. É nesse momento que ela ouve, às suas costas, vindos das mãos do homem que dias antes lhe falara sobre os perigos de minas perdidas e remanescentes da guerra, os acordes de uma viola. Em homenagem aos que se preparam para desembarcar em solo brasileiro, o capitão Krieger toca uma música tão alegre quanto estranha, que Hertha, nos dias seguintes, não demorará a identificar e a se acostumar: *Tico-tico no Fubá*, de Zequinha de Abreu, sucesso não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro, já que, até ali,

fizera parte, como trilha sonora, de quatro filmes internacionais, entre eles *A Filha do Comandante* e *Escola de Sereias*².

É o Brasil que espera Hertha para ser a sua nova pátria.

Uma lancha se aproxima e encosta-se ao navio. Ela desce as escadas e é levada até o cais, onde a esperam Thea Schneider e o marido Albert, prontos para ajudá-la a recomeçar a vida.

Hertha e Thea já se conheciam pessoalmente do *atelier* da irmã Gisela, a Gisi, em Bielitz, onde iam ajudá-la na confecção de chapéus e outros tipos de trabalhos manuais. Quando a situação na Europa se agravou, Thea fugiu para o Brasil e desde então ela e Hertha não tinham mais mantido qualquer contato. Hertha sabia apenas que ela trocava cartas com Gisi, de quem era muito amiga, e que fazia reiterados convites para que também fugisse. Após o início da guerra, Thea perdera o contato com Gisi, apesar de se corresponderem com regularidade até então.

Antes de embarcar para o Rio de Janeiro, Hertha e outras sobreviventes passaram por um longo período de recuperação. Logo no início, foram transferidas para alojamentos do próprio campo de concentração onde estavam confinadas, Bergen-Belsen. As equipes de socorro aproveitaram as casas abandonadas pelos comandos da SS e submeteram as ex-prisioneiras a um tratamento específico de recuperação de peso, à base de pão e açúcar. Hertha, que tinha 26 anos de idade ao ser libertada pelos ingleses, em 15 de abril de 1945, em meio a uma epidemia de tifo que se alastrava pelo campo, pesava apenas 28 quilos. Por muitas semanas não conseguia nem mesmo se levantar da cama. Várias das suas companheiras não resistiram e, debilitadas, morreram durante o tratamento.

Certo dia, quando pôde se levantar por conta própria, com muita dificuldade, caminhou até o banheiro e teve seu primeiro

2 A Canção no tempo, 85 anos de músicas brasileiras de Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, Editora 34.

grande sobressalto diante das reais sequelas da guerra. Foi apanhada de surpresa diante de algo ao qual estava desabituada havia anos: um espelho, objeto inexistente nos campos pelos quais passara. Durante os cinco anos em que estiveram confinadas, tudo o que Hertha e suas companheiras sabiam sobre suas próprias aparências, sobre seus próprios rostos, era por meio do relato recíproco. Nesse dia de reencontro com a distorção da sua imagem refletida no espelho, Hertha chorou muito. Reencontrar-se com ela mesma naquela situação, aterradora e desconhecida, após tantos anos de ignorância sobre o estado de seu próprio corpo, foi um choque.

– Não! Está errado! Não tenho as pernas tortas assim! Minhas pernas não ficam tão distantes uma da outra desse jeito! – gritou para si mesma, antes de voltar para a cama e chorar durante horas.

Hertha permaneceu em Bergen-Belsen até que, a partir de uma iniciativa do governo da Suécia e por intermédio da Cruz Vermelha, ficou determinado que as sobreviventes com tuberculose deveriam receber tratamento naquele país. A transferência foi providenciada rapidamente, e Hertha chegou à cidade de Malmö em 15 de julho de 1945, data de seu vigésimo sétimo aniversário. A primeira manifestação que viu, ao entrar na cidade, seria a marca do tratamento e atenção dados a ela nos meses seguintes à sua chegada: para receber o ônibus que transportava as ex-prisioneiras, as autoridades locais organizaram uma recepção à entrada da cidade. As pessoas estavam dispostas nos dois lados da calçada e portavam bandeiras suecas sobre a cabeça, sinal de boas-vindas e hospitalidade.

Depois de um check-up e de perderem novamente os cabelos, agora cortados por questão de higiene, foram levadas para Karlstad, cidade próxima a Malmö, onde uma escola havia sido transformada em hospital, especialmente para o tratamento das sobreviventes. Somente aí Hertha começa a retomar uma vida normal, depois de controlada a tuberculose e de recuperar gradualmente o

peso perdido. Mesmo enfrentando precárias condições de saúde, esforçava-se para apressar a recuperação. Com dificuldades para se locomover, conseguiu um cobertor de lã e, no próprio leito, confeccionou um *tailleur*, todo costurado à mão, que foi por ela usado durante muito tempo enquanto se recuperava.

Desde que chegaram a Karlstad, as sobreviventes foram recebidas com carinho e atenção pelos habitantes da cidade. Era habitual eles se dirigirem às cercanias do hospital, muitos por curiosidade, outros para se solidarizarem com elas ou para lhes oferecer algum tipo de ajuda. Numa dessas visitas, uma garota sueca que falava alemão, chamada Kaisa encantou-se com Hertha e lhe perguntou se ela gostaria de receber alguma coisa, se havia algo que pudesse deixá-la feliz ou a ajudasse a passar o tempo. Hertha, cuja rigorosa dieta prescrevia apenas leite com aveia diariamente, respondeu prontamente:

– Desejaria tanto um *Matjeshering!*³

No dia seguinte, para seu deleite, recebia das mãos da nova amiga a tão almejada *delicatessen*. E, assim que Hertha foi readquirindo a autonomia e pôde sair do hospital, Kaisa passou a acompanhá-la em passeios pela localidade. Nesse período, Hertha também passeava com a amiga Genia, que como ela se recuperava em Karlstad. Certo dia, quando as duas procuravam o local de uma exposição de artesanato, abordaram um rapaz que acabava de estacionar sua motocicleta junto à calçada. Ele deu a informação e as acompanhou até o local desejado. Do encontro com Niels Shullstörn, o Nisse, nascia mais uma amizade, que duraria o período de permanência de Hertha em Karlstad. Numa ocasião, quando dançavam em um evento beneficente, Hertha percebeu que ela e Nisse eram muito observados e logo imaginou que, na verdade, os olhares de admiração se dirigiam ao amigo, pois ela o achava parecido com o

3 Arenque em conserva.

ator Tyrone Power. Para sua surpresa, veio a perceber, momentos depois, que as pessoas olhavam mesmo era para o seu braço esquerdo, para a tatuagem exposta, adquirida durante sua passagem pelo campo de Auschwitz. Perguntou a Nisse se ele não se constrangia, se não sentia vergonha do estigma que ela representava com aquela marca indelével no braço, e ele respondeu que não, muito pelo contrário, estava era orgulhoso dela e de sua capacidade de retomar a vida depois de tantas tragédias.

Como parte da programação desenvolvida entre as ex-prisioneiras para que pudessem ir retomando a normalidade de suas vidas aos poucos, Hertha foi convidada a passar o Yom Kipur⁴ daquele ano em companhia de uma família da cidade. Chegou à casa dos Quartz com um turbante branco na cabeça. Não queria se apresentar aos anfitriões com poucos cabelos, situação que a desagradava. Após recebê-la com afeto e simpatia, o Sr. Quartz chamou-a para um canto e perguntou o porquê do turbante na cabeça. Antes que pudesse explicar, Hertha ouviu as palavras que ele tinha a dizer e nunca mais as esqueceu, tanto pelo poder de a terem deixado à vontade diante de si mesma como pelo carinho e bom humor com que foram pronunciadas:

– Minha filha, tire esse pano da cabeça. Os cabelos precisam de ar para crescer...

Dias depois, ainda em Karlstad, onde permaneceu durante cerca de meio ano, a diretora do hospital perguntou a Hertha o que ela gostaria de fazer para se sentir útil. Ela respondeu que era hábil nos trabalhos manuais em couro. Algumas horas mais tarde, chegava ao seu quarto um pacote com retalhos de couro das mais variadas cores. Trabalhando a maior parte do tempo na cama, Hertha passou, então, a confeccionar flores e adornos para vestidos com a mesma habilidade que, anos atrás, a tinha salvo de trabalhos pesados no

4 Dia do Perdão, quando os judeus, seguindo suas tradições, mantêm jejum por 24 horas.

gueto e no campo de Plaszow. Nesses lugares, juntamente com a irmã Gisi, que a acompanhara desde a execução dos pais nos bosques de Cracóvia, ela havia se especializado em bordar divisas e cerzir o tecido de uniformes de oficiais da SS que, empilhados em depósitos insalubres, haviam sido roídos pelos ratos.

Os trabalhos de Hertha não demoram a chamar a atenção tanto dos habitantes de Karlstad como dos turistas que passam pela cidade, e ela é convidada a participar de uma exposição de artesanato da Cruz Vermelha. Hertha está diante de seu estande quando se aproxima uma senhora, sorridente, como se a conhecesse de longo tempo, talvez uma ex-companheira dos campos de concentração que, como ela, estivesse agora disfarçada sob a sua real e verdadeira aparência, a de antes de a guerra começar:

– Hertha Gruber? – pergunta a recém-chegada.

– Sim! – responde ela, esforçando-se para recordar de quando e de onde a conhecia.

O esforço de Hertha, no entanto, se revela em vão, pois o sorriso com o qual Margareth Feychting se aproxima não é exatamente de quem reencontra uma velha conhecida, mas de quem vem disposta a elogiar o trabalho de uma pessoa que considera talentosa e sobre quem já havia pedido referências anteriormente.

– Comprei todas as suas flores, Hertha – conta Margareth, sorrindo. Tenho uma butique em Estocolmo e vou levá-las para vender lá.

Nasce assim uma grande simpatia entre ambas e, a partir daquele dia, Margareth Feychting passa a encomendar, periodicamente, as flores confeccionadas por Hertha em seu quarto, no hospital de Karlstad. A relação de amizade culminará, meses adiante, com um convite de Margareth para que Hertha passe alguns dias em sua companhia, em Estocolmo. Ela aceita prontamente o convite e, assim que a direção do hospital, após receber uma solicitação formal

de Estocolmo, autoriza o seu afastamento temporário, começam os preparativos para a viagem.

Hertha dedica os dias seguintes ao trabalho de confeccionar o vestido para a viagem, sob o olhar vigilante de suas cinco companheiras que, como ela, recebem tratamento de saúde no mesmo hospital. Escolheu um tecido florido, combinando com o ambiente em que se transformara seu quarto desde o início do trabalho com flores, de todos os tipos e de cores variadas.

O vestido está pronto e Hertha o prova diante das amigas, que conferem todas as costuras e dobras para ver se está tudo em ordem. O embarque para Estocolmo será na manhã seguinte, na estação férrea de Karlstad, e Hertha comenta que não vê a hora de embarcar. Aquela será a sua primeira viagem de trem nos últimos anos, que não em vagões de gado de um campo de concentração para outro, sob a mira das carabinas e ao som do latido feroz dos cães amestrados dos guardas da SS.

– Desta vez não vai ser em pé, meninas! – diz Hertha, sorrindo, enquanto ensaia um passo de dança, o vestido novo combinando com a alegria de seu rosto.

– Terei uma poltrona só para mim! E poderei olhar a paisagem através de minha janela...

– E se no lado oposto à janela se sentar alguém muito, muito, muito interessante, senhorita Hertha?, pergunta Genia⁵, alegre, enquanto a amiga caminha de uma ponta a outra do quarto, feliz, sem desviar um único instante os olhos do espelho, na porta aberta do armário. Alguém parecido com Tyrone Power...

– Ora, ora! Saberei dividir os meus olhares entre essa pessoa muito, muito, muito interessante e a paisagem que estará passando lá fora. Quando a paisagem estiver pouco interessante, cuidarei de olhar para o lado oposto e tudo estará resolvido, querida amiga!

5 Genia Lieberman vive atualmente na França, e Hertha já a visitou e troca correspondência com ela.

– E vice-versa!?! – brinca Pola, sem se contentar com a resposta de Hertha.

– Sim, sim! – concorda ela, rindo como as outras. – E tem mais uma coisa que vou revelar a vocês, meninas... – continua Hertha, com ar de suspense, desviando os olhos do espelho e pousando-os no chão. Uma vez em Estocolmo, me verei obrigada a variar o cardápio!

– Hertha! – grita Genia, antes de soltar uma sonora gargalhada.

Adeus, leite com aveia da manhã à noite, minhas queridas! – proclama Hertha, girando o corpo na ponta dos pés, os braços erguidos em círculos sobre a cabeça, como a bailarina vaidosa que requer a atenção permanente da plateia.

– Isso sim, vai ser o máximo! – comenta Lola.⁶ – Ver-se livre desse nosso leite com aveia de todos os dias será o máximo, Hertha.

Nesse instante elas são surpreendidas por três batidas na porta, que logo se abre. É a diretora do hospital que traz um envelope de carta. Antes de entregá-lo à destinatária, no entanto, chama a atenção de todas e faz uma observação bem-humorada.

– Quando cheguei à porta, tive tempo de ouvir os seus últimos comentários, meninas.

Todas se voltam rapidamente para a diretora, sérias.

– A direção do hospital liberou Hertha para a viagem a Estocolmo com uma condição, muito explícita, aos seus anfitriões... – continua a diretora, fazendo uma pequena pausa. – Que não lhe seja retirado do cardápio o leite com aveia, pois a nossa simpática hóspede ainda não voltou ao seu peso normal.

– Aaahhhh! – protestam todas.

Dando mais dois passos à frente, a diretora revela o motivo de sua visita ao quarto àquela hora. Volta-se para Lola e lhe entrega o

⁶ Lola Amsterdam foi viver nos Estados Unidos, a quem Hertha também já visitou e com quem passou a trocar correspondência.

envelope. É uma carta de Fred, seu irmão, que conseguira se salvar pouco antes de a guerra terminar. Fred era também o marido de Gisi, a irmã de Hertha que tinha uma chapelaria em Bielitz, a quem ela sempre fora muito apegada e através da qual aprendera a trabalhar com artesanato. Lola abre a carta e começa a ler o que ali está escrito. Depois interrompe a leitura e vira-se para Hertha.

– A notícia que tem aqui é para você – ela diz, a fisionomia já contrastando com a alegria vista no momento em que Hertha experimentava o vestido novo.

Lola entrega o envelope e a carta para Hertha que primeiro olha o nome do remetente, depois a segura contra o peito e senta-se na cama. Tanto quanto pode, retarda o momento de conferir o seu conteúdo. Experimenta a mesma sensação de medo que sentiu um dia, ao lado da irmã Gisi, quando era escoltada por soldados alemães, em meio a um bosque cerrado e escuro, e volta e meia ouvia os estampidos das carabinas muito próximos de si. Naquele dia, a caminho de Bergen-Belsen, o medo de Hertha tinha uma explicação meramente cartesiana: cada estampido de carabina que ouvia significava a morte de alguém no interior do bosque. E não havia qualquer garantia de que o próximo tiro não teria a ver com ela ou com a irmã Gisi. Agora tem em mãos uma carta que lhe traz uma notícia, uma situação que, dadas às circunstâncias do momento, ainda não oferece espaço para os meios-terminos, apesar do silêncio das carabinas.

Confere outra vez o nome do remetente, Fred,⁷ o cunhado de Hertha, marido de Gisi, e não há dúvidas de que ele se dirige a ela para lhe dar alguma notícia importante. É assim que acontece com todos os sobreviventes dispersos pelo mundo nesses dias de buscas e tentativas de reencontros.

7 Fred Pemper foi viver nos Estados Unidos depois da guerra. Ele e Hertha trocaram correspondência até a morte dele. Já havia morrido, quando ela viajou ao país para visitar o filho Mario, que lá estudava, em 1968.

– E que tipo de notícia se pode esperar ainda no calor de uma guerra que dizimou milhões de pessoas num raio muito próximo de si? – questiona-se Hertha, diante do olhar de preocupação de suas colegas e da diretora do hospital. Depois de respirar fundo uma, duas, três vezes, ela começa a abrir o envelope.

– Afinal, diz Hertha, com ingenuidade, uma marca de sua personalidade desde criança: – Por mais impossível que seja, as boas notícias ainda não estão proibidas!

Não foi difícil perceber a mudança repentina no seu rosto, em contraste com aquele olhar alegre e de felicidade do momento em que, diante do espelho, provava o vestido novo. As notícias boas não estavam proibidas, não. Mas as tristes pareciam ser proporcionalmente muito maiores e infundáveis, comentaria Hertha a seguir. A carta traz a informação que ela tanto temia a partir do instante em que começara a recuperar as forças e a lucidez, após ser resgatada quase morta das barracas infectas de Bergen-Belsen. Fred, o cunhado, informava que seu irmão Max, a última esperança de Hertha em reencontrar no mundo algum parente vivo, havia morrido pouco antes da rendição dos alemães, nas pedreiras do campo de Mauthausen, conhecidas como uma das mais mortíferas da Áustria.

Hertha sente-se só no quarto e no mundo.

Suas colegas e a diretora abraçam-na, uma a uma, e saem, a pedido dela, que quer ficar só.

Sua primeira decisão, quando fecha a porta do quarto, é rasgar o vestido florido com o qual pretendia viajar na manhã seguinte. A segunda é suspender a viagem. Coloca um vestido preto sobre o corpo delgado e permanece um longo tempo olhando-se no espelho, como se nas linhas bem definidas de seu rosto, no fundo dos seus olhos, no perfil de seus escassos cabelos contra a lâmpada do quarto pudesse estar a explicação para uma mudança tão violenta em sua vida em tão pouco tempo. Mas a terceira decisão a ser tomada

naquela noite de contrastes, entre a alegria da viagem e a notícia sobre a morte do último irmão, é a de aceitar que não há alternativa a seguir que não a de se conformar com mais uma tragédia. Está sepultada para sempre a última esperança de encontrar o irmão vivo, o único de quem não tinha notícias desde o fim da guerra. O destino dos outros três ela conhecia bem. E é neles, nos irmãos mortos, que ela pensa, um a um, a cabeça fincada no travesseiro, entre um soluço e outro, enquanto a noite avança e o sono não vem. Lembra a infância ao lado dos pais, dos irmãos, do carinho que cada um lhe dedicava, ela que era a caçula da família, e é em homenagem a eles, que tanto a protegeram e a amaram quando criança, que toma a última decisão antes de a primeira claridade do dia entrar pelos vãos da janela do quarto. Se havia suportado tantas tragédias juntas, e em tão pouco tempo, e se encontrara em seu caminho pessoas bondosas que todos os dias lhe estendiam a mão com um prato de leite e aveia para recuperar as forças, era porque a vida estava ao seu lado e era de dentro dela, da vida que ainda pulsava com vigor dentro de si, que precisava extrair as forças necessárias para seguir adiante, soubesse ou não o que ainda teria pela frente.

Na manhã seguinte, abalada e triste com a notícia da véspera, Hertha embarcaria para Estocolmo, ao encontro de sua anfitriã Margareth Feychting. Ela a recebe de braços abertos e disposta a ajudá-la a superar não apenas a tragédia mais recente, a morte do último irmão, como a incentivá-la a retomar a luta para construir a segunda parte de sua vida.

Depois de três semanas em Estocolmo, Hertha retorna a Karlstad e é informada de que em breve será transferida para Allingsand, uma pequena cidade de repouso, também na Suécia, onde se submeterá à última fase de seu tratamento de recuperação. Gradativamente, o leite com aveia vai saindo do cardápio e, em pouco tempo, Hertha já pesa o dobro dos 28 quilos que tinha ao ser liberada, em Bergen-Belsen. À medida que recuperam a saúde, vão se

solidificando a amizade e o espírito solidário entre ela e suas companheiras, até que saem a passear juntas pela cidade e visitam as cidades mais próximas. Divertem-se com a liberdade reconquistada e a perspectiva de recomeçarem uma nova vida em futuro muito próximo. Passado um ano, sem as sequelas da tuberculose que as levara à proteção de médicos e enfermeiros suecos, começam a pensar, de forma objetiva, no caminho a ser seguido a partir dali.

Ao contrário de Hertha, todas as suas cinco companheiras ainda têm parentes vivos espalhados pelo mundo e com eles trocam correspondência de forma periódica, desde Bergen-Belsen. Os preparativos para a partida vão se intensificando, há trocas semanais de cartas entre elas e seus parentes, a hora da separação se aproxima rapidamente sem saber como proceder quando for necessário deixar Allingsand, o último estágio de seu tratamento de recuperação. Assim ela se sente novamente só, sem ter alguém a quem recorrer e pedir socorro. Suas amigas estão preocupadas, não querem abandoná-la na Suécia, mas chega o momento em que não resta alternativa, senão a de retomar a vida fora das paredes da casa ajardinada de Allingsand, preparada especialmente para recebê-las depois de vencido o estágio de Karlstad.

Apesar da euforia pelo iminente reencontro com os parentes, as amigas de Hertha percebem que a tristeza dela cresce na proporção inversa às suas alegrias e tentam ajudá-la. Incitam-na a forçar a memória, a se concentrar nas suas recordações de antes da Guerra, pois só assim poderá se lembrar de algum parente ou amigo que tenha sobrevivido e que possa recebê-la em alguma parte do mundo. Numa noite, véspera da partida de Genia para a França, elas põem um lápis e um papel em branco nas mãos dela e forçam-na a puxar pela memória.

– É impossível que você não se lembre de alguém, Hertha! – comenta Lola.

– Não é falta de esforço – explica ela, a voz trêmula. – Tudo o que tenho feito nos últimos meses é tentar me lembrar de alguém, mas não consigo. Ninguém sobreviveu.

– Você tem que se lembrar, Hertha! Deve haver alguém...

– Não, não há ninguém! Não consigo lembrar!

– Faça uma forcinha a mais. Um pouquinho só. Você precisa tentar.

– Não há ninguém de quem eu possa me lembrar de que não sejam meus pais e meus irmãos. Gisi, Max, Jetti, Jenny...

– Tem que haver mais alguém, Hertha!

– Dos que me lembro, morreram todos.

– Um nome, alguém que não morreu, você precisa lembrar. Você vai conseguir!

– Gisi, minha irmã Gisi!

– Hertha, Hertha, Hertha, querida!

– Minha irmã Gisi se correspondia com alguém no Brasil, antes da guerra...

– Sim! E você se lembra do nome dessa pessoa?

– Ela queria que Gisi fugisse para o Brasil. Ela receberia a nós todos, se quiséssemos fugir também... Mas ninguém quis, todos preferimos ficar no nosso país. Lembro-me de que Gisi dizia não ao convite para fugir. “A minha família eu não deixo, jamais”... ela dizia.

– Sim, sim, Hertha! Mas e o nome? O nome dessa pessoa, Hertha?

– Se Gisi, pelo menos, tivesse fugido para o Brasil, hoje me restaria uma irmã viva...

– Hertha! O nome, Hertha!

– Sim! – grita Hertha, um ar de alívio no rosto. – Thea! Claro, claro, Thea, amiga de Gisi! Estavam sempre juntas, eu a conheci no *atelier* de Gisi!

Todas elas aplaudem, gritam eufóricas o nome de Hertha e abraçam-na, felizes.

– Thea Leipziger! Ela pode me ajudar, ela era amiga de Gisi, na chapelaria!

– Então é para Thea Leipziger que você vai escrever agora mesmo, Hertha!

– Mas eu só sei o nome dela, não tenho endereço, nada – argumenta Hertha, perdendo um pouco a animação inicial.

– Nem em que cidade do Brasil ela reside? – pergunta Genia.

– Rio de Janeiro, emigrou para lá em 1936, com os pais para fugir da guerra.

– Viu como é só puxar pela memória.

– Sim, sim! – acrescenta Hertha.

– Vamos tentar – acrescenta Lola. O nome da cidade não é muita coisa, mas já é um caminho.

– Não custa tentar, Hertha!

Alguém sugere que se escreva no envelope o nome da Congregação Israelita do Rio de Janeiro, para aumentar as chances de a destinatária ser localizada. Assim, sob o olhar atento das cinco amigas, Hertha escreve para Thea Leipziger naquela noite mesmo. No envelope não constava um endereço. Apenas:

Thea Leipziger

Idische Gemeinde

Rio de Janeiro – Brasilien

Na ocasião, Thea já tinha outro sobrenome, Schneider, de seu casamento, e só foi localizada por um detalhe, creditado também à sorte. Como trabalhava na HIAS, uma organização de ajuda a imigrantes sobreviventes, alguém reconheceu seu nome e a procurou. Sua resposta chegou prontamente, com a notícia que todos esperavam: “Hertha, não te preocupe. Você virá residir conosco”.

Quase que simultaneamente, Hertha recebe uma correspondência com um *Affidavit*, documento oficial que a autoriza a imigrar para os Estados Unidos. Parentes com os quais tinha menos contato, e que para lá se transferiram no princípio do século, localizados por intermédio de registros da Cruz Vermelha, lhe enviavam a documentação necessária para a imigração.

Hertha optou pelo Brasil.